

TECNOLOGIA EDUCATIVA : A EDUCAÇÃO COMO PROCESSO DE COMUNICAÇÃO

Isabela Ruberti
Sergio Ferreira do Amaral

Resumo

O artigo discute o ensino como processo de comunicação, partindo da constatação da importância do papel das tecnologias da educação e comunicação na sociedade atual. Aponta a necessidade da escola enfrentar e utilizar tais recursos da cultura midiática, pois já estão presentes na vida de alunos e professores. Detém-se a pensar também na relação entre professor e aluno não mais como mero transmissor de informação, mas sim como criadores e produtores de mensagens. Destaca um modelo crítico e participativo para a inserção da tecnologia educativa na escola.

Palavras-chave

Tecnologia educativa; Ensino e comunicação

EDUCATIONAL TECHNOLOGY : THE EDUCATION HOW PROCESS OF COMMUNICATION

Abstract

The article discusses the education how the process of communication, through the evidence of the importance of the role of the technologies from the education and communication in the present society. Show the necessity of the school face and use the culture resorts of the media, because they are presents in the students and professors' life. It takes to think also in the relationship between professor and student not like a simple way of transmission of information, but as creators and translators of messages. It detaches a critical and participative model to the insertion of educational technology in the school.

Keywords

Educational technology; Education and communication

INTRODUÇÃO

O presente artigo procura situar a Tecnologia Educativa como uma disciplina dinâmica, contraditória e significativa ao longo do desenvolvimento da educação. Dinâmica, no sentido de que não parou de evoluir desde as primeiras iniciativas de inserção dos meios audiovisuais na escola. Contraditória, porque pretende ser a disciplina que desenha e planeja o sistema educativo. E significativa, pela importância que adquire na atualidade com a incorporação gradativa das tecnologias nos processos de ensino-aprendizagem.

Podemos considerando que a ação de Educação é como processo de comunicação, já que o tempo todo transmite mensagens, verbais, icônicas, e não verbais, entre um emissor, que é focada no professor, e um receptor, que tem como sujeito o aluno, com mensagens específicas de conteúdos curriculares e, muitas das vezes com barreiras comunicativas, que são também culturais, físicas e organizativas. As interações que se podem estabelecer são de diferentes tipos: professor-aluno, aluno-professor, aluno-aluno, e meio e material de ensino-aluno; variando esta última a partir de uma perspectiva quantitativa ou qualitativa.

Para citar Goergen (1986), um dos autores que procura em seus trabalhos dedicar a análise do ensino como processo de comunicação, especifica essa relação na seguinte citação:

Ensino-aprendizagem são dois momentos de um único processo, através do qual se constrói o saber. Neste sentido, ensino-aprendizagem deve formar um processo de comunicação. Ensino-aprendizagem é, fundamentalmente, um processo de comunicação. (p.163).

Em outra obra de Goergen (2001, p. 80), o autor afirma: "Trata-se de um processo social cujos rumos são determinados (pelo menos em termos ideais) pelo concurso da participação consciente de todos, com base na razão comunicativa".

TECNOLOGIA EDUCATIVA

Como a nossa proposta é o de considerar a educação como um sistema comunicativo, a primeira referencia deve ser a de refletir acerca de como o ensino não deva ser convertido em um modelo tradicional de comunicação, ou seja, em um modelo informativo. Contrapondo a este modelo, propomos que se permita a possibilidade dos receptores se converterem em emissores, produtores e criadores de mensagens.

Em Baccega (2002, p.10) contextualiza que: "é preciso incluir no planejamento as diferentes linguagens da cultura, dar espaço à oralidade, às narrativas pessoais e audiovisuais". Dito de outra maneira, é preciso superar as concepções técnicas da tecnologia educativa comunicacional onde os instrumentos de comunicação geralmente centradas em produções por pessoas distantes do contexto educativo geram conflitos de paradigmas. Para contrapor esta posição, a concepção tecnológica comunicacional deve mudar de posição, para uma mais prática e crítica, facilitando a elaboração de mensagens por parte do professor e dos alunos.

Na realidade, o objetivo é reimplantar um modelo de ensino crítico e reflexivo capaz de formar para os meios e através das novas tecnologias comunicação, um modelo que seja capaz de responder as mudanças impostas pela Sociedade de Informação e Comunicação apontadas por Soares (2001, p. 44): "trata-se, na verdade, de uma perspectiva de análise e de articulação em permanente construção, e que leva em conta o contínuo processo de mudanças sociais e de avanços tecnológicos pelos quais passa o mundo contemporâneo."

Por outro lado, não devemos esquecer que para que este processo comunicativo aconteça, ou, para que a mensagem possa ser codificada e decodificada, é necessário que o professor e os alunos dominem as regras dos códigos utilizados. Isso nos leva a uma série de reflexões, em primeiro lugar, a necessidade de que na escola se formem alunos nos diferentes tipos de sistemas simbólicos que possam ser mobilizados no processo comunicativo, processo que se desenvolverá baseado em três tipos de sistemas simbólicos. O verbal, o icônico-visual e icônicos-sonoros.

Aos alunos atualmente são capacitados para interagir com um só tipo, os verbais, tanto na modalidade oral como escrita, e isso poderá repercutir num futuro de forma negativa, já que a sociedade atual é cada vez mais multimídia. Ao mesmo tempo, o canal e os sistemas simbólicos que escolha o docente para a transmissão de mensagens não deve ser eleito arbitrariamente, mas sim, a partir de uma série de fatores e variáveis, tais como: a capacidade do receptor para decodificar a mensagem; o tipo de mensagem que se deseja transmitir; custo, tempo, número de receptores e habilidades dos receptores para sua interpretação.

Para que a mensagem seja codificada e decodificada perfeitamente devem ser evitadas as perturbações, ou seja, tudo aquilo que possa dificultar que a mensagem, independentemente do sistema simbólico que se utilize para sua codificação, chegue ao receptor. Tais barreiras de comunicação também dependem do contexto cultural, social, político e ético onde se desenvolve o processo de comunicação, que podem facilitar tal processo como também dificultá-lo. Devemos lembrar que, ademais de ser um processo de intercambio de informação, a comunicação é também a síntese e convergência de interesses e ideologias.

A introdução na escola de tecnologias audiovisuais, informáticas e as novas tecnologias da informação e da comunicação, nos levam novamente a refletir sobre a necessidade de contemplar modelos de comunicação mais amplos que os elaborados, tanto para a explicação da comunicação humana como para os meios de comunicação de massas tradicionais. Estes meios não somente desempenham uma função de transmissão de informação, mas também de transmissão de valores e cultura das instituições produtoras dos mesmos, desempenhado em sua interação uma forte função de culturização, globalização e mundialização da informação.

Nesse sentido, a indústria da cultura se corresponde com a necessidade de expansão dos valores próprios do mercado capitalista. A cultura de massas representa essencialmente, o triunfo da comercialização sobre todos os aspectos da vida cultural: a arte, a poesia e qualquer tipo de manifestação expressiva. Significa a busca máxima do benefício, aproveitando ao máximo as

possibilidades da produção em série. O objetivo é consolidar um completo sistema persuasivo cuja finalidade última é o consumo massivo.

Atualmente, apesar das recentes políticas educativas tentarem minimizar os efeitos da mídia sobre as crianças, no país são muitos os obstáculos econômicos, sociais e culturais que se opõem à prática da tecnologia educativa comunicacional. Talvez pelo fato de que não haja interesse em realmente promover a autonomia crítica dos indivíduos. A esse respeito Belloni (2001, p.12) completa:

Desde as primeiras definições desse campo, em reuniões de especialistas sob os auspícios da UNESCO, está presente a idéia essencial de que a educação para a mídia é condição sine qua non para a democratização das oportunidades educacionais e do acesso ao saber.

A análise do ensino como processo comunicativo serve para investigar o comportamento do professor e também o processo de ensino-aprendizagem. A propósito, é importante não perder de vista que este processo é fundamentalmente mediado entre o docente e o estudante e, entre estudante e estudante a comunicação tende a estabelecer-se através de instrumentos técnicos, sejam eles tradicionais, como a lousa e o giz ou o livro texto ou ainda as novidades, como os multimídia e as redes telemáticas de comunicação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para finalizar é importante não perder de vista que a comunicação educativa não é apenas um processo de informação de mensagens didáticas, mas ao mesmo tempo um processo ideológico e de luta de poderes onde o papel que ocuparão os participantes no mesmo e o grau de liberdade para desenvolver-se nele, dependerá do contexto no qual se desenvolva.

Por outro lado, se o ensino é um processo de comunicação no qual os meios tecnológicos como elementos intermediários adquirem plena relevância, seu estudo não será de extraordinária significação para a compreensão do ato didático. O qual lhe dará maior importância à disciplina da tecnologia educativa.

REFERÊNCIAS

BACCEGA, A. M. Meios de comunicação na escola. **Comunicação & Educação**. São Paulo, v.25, p. 7-15, set/dez, 2002.

BELLONI, L. M. **O que é mídia-educação**. Campinas: autores Associados, 2001. (Polêmicas do nosso tempo).

GOERGEN, P. **Pós-modernidade, ética é educação**. Campinas: Autores Associados, 2001. (Coleção polêmicas do nosso tempo).

_____. A comunicação nas faculdades de educação. In: KUNSCH, K. M. (Org.) **Comunicação e educação: caminhos cruzados**. São Paulo, Edições Loyola, 1986.

SOARES, O. I. (Coord.). Caminhos da educomunicação na América Latina e nos Estados Unidos. **Cadernos de Educomunicação**, São Paulo, 2001.

ISABELA RUBERTI

Mestre em Comunicação e Educação UAB/Espanha
Mestranda em Educação da Faculdade de Educação/UNICAMP
e-mail: Hiruberti@unicamp.br

SERGIO FERREIRA DO AMARAL

Professor Doutor da Faculdade de Educação/UNICAMP
Coordenador da área Educação, Ciência e Tecnologia da
Pós-Graduação da Faculdade de Educação/UNICAMP
Coordenador do Grupo de Pesquisa TIC's
e-mail: Hamaral@unicamp.br

Recebido em: 30/05/2004

Aceito em: 26/07/2004